

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Estado de Minas

Class.: 538

Data 29 de Julho de 1984

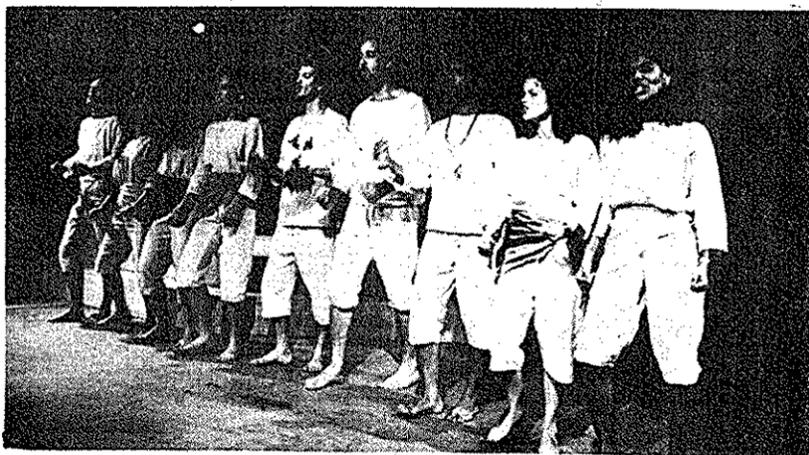
Pg.: _____

A realidade do índio vira arte

ANTES de tudo, é preciso saber de uma coisa: o índio não é brasileiro. É muito mais um ser da terra. E seria muito mais um brasileiro, no sentido universal (e não no nacionalista) de amar e lutar no seu lugar pelo seu direito. Brasileiro pode ser um Paulo Salim Maluf, na sua fome incontível de ser o poder, atropelando tudo com suas fórmulas já conhecidas por todos. Pode ser João Figueiredo, que já não suporta mais ser presidente. Pode ser Tancredo Neves, compondo com todas as frentes, de um lado e outro, pra ser presidente. Pode ser o FMI impondo regras impossíveis. Pode ser Brizola. Pode ser a triste e envelhecida forma da política. Pode ser a jovem-guarda careta dos anos 80. Mas, um índio é a garra e o amor, a persistência e o exemplo. Um índio é a solidariedade e a festa, a tranquilidade e a vontade, a disponibilidade de ser, sem derrubar o outro, sem egoísmo. Um índio é a esperança de ser feliz.

E o índio resiste. Se em 1500, quando o Brasil foi invadido, e não, descoberto, como diria Angelo Kretã, da nação Kaingang, existiam aqui cerca de dez milhões de índios; hoje são alguns poucos milhares. Foram massacrados de todas as formas, desde o etnocídio até o mais bárbaro genocídio. Permanecendo sendo atropelados pela ideologia do branco, pela imposição desumana de visões sociais, econômicas, políticas e religiosas, que nada têm a ver com ele. Aliás, muitas vezes, nem mesmo com os próprios "caras pálidas". Mas, mesmo acuadaos em espaços mínimos, em terras demarcadas injustamente, onde as melhores áreas, aquelas onde viviam em perfeita harmonia com a natureza, na maioria dos casos são proibidas. Contudo, eles (os índios) acordam, se unem agora, lutam e exigem o que lhes é de direito. Já não aceitam mais passivamente a ordem autoritária do branco, e se solidarizam. E já têm até deputado, o bravo Juruna. São um exemplo de que a tal da união faz a força e reverte-se em conquistas. Bem como o povo brasileiro, ao sair para as ruas na campanha das diretas-já, onde mesmo que frustrado o objetivo primeiro, mostrou que existe e que já não é tão bobo. E por aí.

É, portanto, Mahã Catu (Alguns Coisa Boa). E este é também o nome do espetáculo que o Grupo Curare apresenta amanhã e terça-feira no Palácio das Artes. Um show de música, dança, teatro, fotos e filmes (super-8), que, para surpresa do pessoal do grupo (e de todos nós), será realizado no grande teatro. Aplausos (clap-clap-clap), para a direção do PÁ. O espetáculo já fez a cabeça



O Grupo Curare mostra Mahã Catu, amanhã e terça, no Palácio das Artes

de muita gente na Sala Ceschiatti e, pela força do trabalho ganha espaço maior, como o pessoal do Jequitinhonha mostrou. "As Onhas do Jequi". É na segunda e terça, mas tudo bem. Então viva! Ou melhor: será que alguma coisa está mudando?

O que é o curare? Antes de tudo é uma erva indígena, que é introduzida no nariz de um pagé, para este conversar com Deus. O pagé entra em "alfa" e "viaja". É também usado na ponta de flecha e paralisa, sem anestésiar, o local atacado. Dependendo da dinamização da erva, mata. É também usado na medicina para operações delicadas e até no câncer. Agora, o grupo Curare nasceu no final de 1977 e é, segundo o músico e pesquisador cultural, Zé Neto, o resultado de um trabalho voltado mais para a questão social e cultural.

É um "grupos de grupos", como define também Zé Neto. Músicos, atores, jornalistas, educadores, indigenistas, artistas e profissionais de toda ordem e área. Gente que se encontra sempre, que viaja ou está (ou mora) no interior, em lugares próximos a terras indígenas ou junto com índios; gente em Minas, no Rio Grande do Sul, na Bahia e no Pará. Gente que acredita no potencial da organização coletiva de idéias, metas, sonhos e lutas. Um grupo aqui sempre correspondendo com um grupo ali. Um monte de material, depoimentos, quilos de slides, horas de filmes. E muito trabalho.

Agora é Mahã Catu, depois de vários outros trabalhos de peso na evolução do Curare. Juntaram um vasto material, discutiram, optaram, revelaram e criaram o espetáculo: um roteiro costurado na unidade desejada. Alguns Coisa Boa saiu. No vocal vai Titane, Loslena Cris-

tina, Lígia Pires Jacques e Zé Neto (que também vai de violão, viola, arranjos e várias composições. Na percussão vai Gilson e Titane. Na parte teatral vão todos, mais Mara Vanessa e Alfredo Borges. A direção de cena é de Marcelo Gallery. No audiovisual (filmes e slides), a produção e edição é de Neander (Nandi) de Oliveira Cesar, Mara Vanessa, Aldeir Drummond Biliu e Jackson Seixas. Cenário, figurino e teatro de bonecos: Grupo Patati-Patatá. E produção geral: Grupo Curare, ou seja, o resultado do trabalho coletivo do grupo de grupos.

Uma grande preocupação do grupo é a "resistência cultural", é o estudo, o redescobrir a verdadeira história do País, "as frentes de luta pela liberdade". A transformação da realidade, por algo justo socialmente e evolutivo culturalmente. É por isso também que todos os trabalhos já realizados (como Brasil Ano V, uma revisitada nos cinco séculos do País) ou este agora, têm também, além do artístico, o lado didático, o da denúncia e o da esperança, da reflexão em torno das saídas possíveis e necessárias.

E vão acumulando informações, vão se entendendo como gente e como ideal, bem além do sistema político que nos governa sem o termos elegido. Vão viajando pelo interior, mostrando a arte e conhecendo novas cabeças, novos fatos e visões. E nestas viagens vão mergulhando apaixonadamente na realidade do índio. Vão sentindo as barras que eles têm que enfrentar, todas as injustiças impostas, mas vão também descobrindo um imenso potencial humano (esqueça aí o tal do humanismo — sic — branco) que têm. A visão de vida e de felicidade do índio e da luta por seus direitos. Tudo um exemplo muito forte para o homem cara pálida.

Veja alguns exemplos de depoimentos de índios e sinta a diferença:

— Não adianta ter muito dinheiro. A gente sabe que entre os brancos acontece muito assalto, muitas mortes, tudo pelo dinheiro. Precisamos do dinheiro para comprar máquinas, roupas, mas não pensamos em ter muito. Quando um fica muito grande, com muito dinheiro, ele fica com muita preocupação. Tendo comida e terra pra plantar a gente vive bem. Xangrês, índio Kaingang.

— O Branco não sabe usar terra. O Brasil tá sendo ocupado por pouca gente... Cada fazendeiro tem cinco, dez fazendas. Pra que tanta terra para um só? E o resto donde vai morar? Esta terra é só pra estrangeiro morar? De um representante Kaiabi, do Parque Xingu.

— A gente obedece até uma altura. Já passou o tempo de dizer que somos criancinhas. Nós tamos em casa e vem gente de fora dizer o que a gente tem que fazer. Eu até agora não vi um índio orientado pelo chefe do posto. Os índios tão se orientando por si mesmos... Criar união pra ter força pra trabalhar... Não é certo a gente viver governado pelos outros quando a gente tem capacidade de fazer. Então, tá errado!! De Nelson Xangrês, índio Kaingang.

— O Branco é como tatu, onde entra estraga tudo. Pode ter de tudo que ele quer roubar ainda mais e ainda grafam. Escrevem seu roubo no papel que é pra ter mais firmeza. De Miguelão, índio Bororó.

E para a índia Guarani, do Espírito Santo, índio é a "raiz da terra, é a fruta da terra, é a bandeira do Brasil". E é nesta viagem que o grupo Curare embarcou, seguindo o índio na sua verdade, na luta para manter a dignidade, "longe das cercas embandeiradas que separam quintais" e os homens e os discriminam. Eles descobrem, também com os índios, que a pressão em torno das transformações e da concretização dos sonhos só é possível de uma forma "mais coesa, mais forte".

A batalha é árdua, tanto para os índios como para o povo brasileiro. Aliás, é igual. Somos os mesmos: iguais todos. Seremos. A batalha do Curare também é brava, mas os resultados são fortes. Assim como é forte a esperança. Porque ainda um dia, como canta Caetano, "um índio surpreenderá a todos, não por ser exótico, mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto, quando terá sido o óbvio. Virá que eu vi: impávido que nem Mohamed Ali, tranqüilo e infalível como Bruce Lee, apaixonadamente como Peri, o axé do afoxé, filhos de Gandhi. Virá". (Marcelo Procópio).